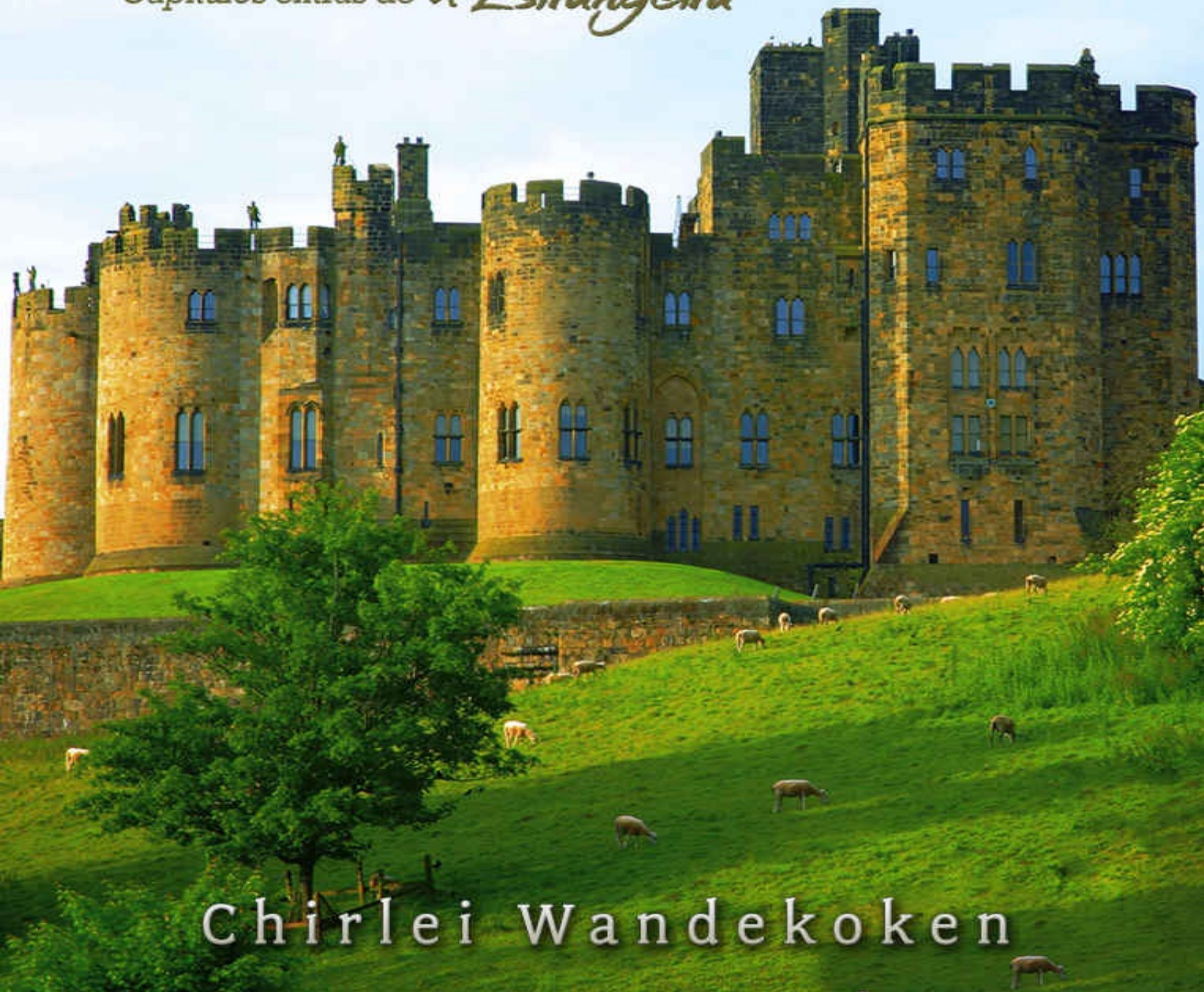


OS CONDES DE ALNWICK CASTLE

Capítulos extras de *A Estrangeira*



Chirlei Wandekoken



PERIGOSAS

Os Condes de *Alnwick* *Castle*

Chirlei Wandekoken

Capítulos extras de *A Estrangeira*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Copyright © 2017 *by* Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Sonia Cabral Carvalho

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capa: Maju Raz

Consultoria Rodovera/ Publicação digital

www.rodovera.wix.com/consultoria

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

Caixa postal: 645 – AGF Fernando Ferrari –

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Vitória-ES. CEP: 29075-972.

www.pedrazuleditora.com.br

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

*Um agradecimento especial a Mara
Sop!*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[Prólogo](#)

[O nascimento do herdeiro](#)

[Capítulo I](#)

[O destino prega uma peça](#)

[Capítulo II](#)

[A história de Henry Percy e Izabele](#)

[Douglas](#)

[Leia também](#)

[Encontre a autora](#)

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo

O nascimento do herdeiro

Alnwick, transição de 1361 a 1362.

O jovem primeiro conde de Northumberland, lorde Howard, caminhava a passos largos, de um lado para outro, no grande salão cujo chão era coberto por uma paliçada. Às vezes uma palhiça prendia-se às suas botas, e ele a chutava atingindo um dos muitos cães deitados em frente à enorme lareira, que naquele momento crepitava um fogo aconchegante. Estava apreensivo. Havia horas que a condessa, sua esposa, entrara em trabalho de parto e a situação dela piorava a cada minuto.

Nunca chegara a amá-la, fora um

casamento arranjado por seu pai para fortalecer o clã Percy contra o clã escocês Douglas, mas ela era sua prima, uma Mortimer, e ele tinha-lhe pelo menos carinho e respeito. Ele tivera que escolher entre ela e a prima Neville, e esta última era ainda mais – lorde Howard não desejava ser deselegante, pois ele era um cavalheiro, mas a prima Neville não o atraía de forma alguma. Portanto, optara por Annabelle.

Ouviu-se um choro forte de uma criança, quase um urro de um guerreiro.

– Nasceu! – alguém gritou. Ele correu escada acima para ser interceptado no corredor pela governanta.

– Ouvi um choro de criança, Mrs. Mercer – ele bradou.

– Sim, milorde, a criança está bem, é um menino, mas a curandeira está tentando salvar a vida da condessa com a ajuda da parteira.

PERIGOSAS

O choque foi grande, ele deixou-se recostar na rústica parede maciça de oito a dez pés de espessura e enregelou. Sentiu um frio perpassar seu corpo dos pés à cabeça, resfriando-o tanto quanto a temperatura gelada do Norte. Intuiu que o segundo herdeiro do título, Henry Percy, cresceria sem sua mãe biológica.

E assim aconteceu.

Alnwick Castle, que fora construído com a aprovação do rei, que queria garantir uma fortificação contra os escoceses, era imenso. Descendentes dos normandos, o castelo fora construído como uma obra de arte. Era uma época turbulenta e insegura e a defesa era uma necessidade para se manter vivo. Alnwick Castle, portanto, fora construído em cima de um grande montículo artificial de pedra e era cercado por um fosso profundo. No interior dele havia vários edifícios para que as pessoas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que trabalhavam no castelo morassem, incluindo estábulos, locais de armazenamento de alimentos, padarias, cozinhas, e moradias para os soldados. E lorde Howard possuía o maior exército de todos os nobres da Inglaterra. Era invejado por isso, mas também temido. No dia da morte da condessa, portanto, todos ouviram o grito do conde, pois ele lamentou sua morte. O urro dado por ele e o choro do herdeiro foram ouvidos longe. Conta-se que até na vila de Alnwick algumas pessoas ouviram e contaram uma para as outras que o conde havia amado, de fato, sua esposa e que pranteara por ela. Sendo assim, o jovem Sir Percy crescera com a imagem de que nascera de um grande amor.

Muitos anos se passaram e lorde Howard sofria grande pressão da família para que escolhesse uma nova esposa entre os clãs Neville ou Mortimer e ele se negava,

NACIONAIS - ACHERON

pois nenhuma das primas era, digamos, atraente aos seus olhos. O lorde, com 31 anos, era um belo homem. Tinha o sangue normando dos Northumberland e era sabido por qualquer um, fosse homem ou mulher, que cada um que nascesse daquela família herdaria uma beleza singular. Eles tinham os olhos de uma cor que iam do azul mais límpido ao verde mais escuro. Eram guerreiros, tinham altura e o porte dos gladiadores; eram determinados, valentes e temidos, visto que o menino Percy, ainda um adolescente, já recebera a alcunha de lorde Hotspur. Era imperioso e nenhum dos preceptores conseguia domar aquele temperamento impetuoso.

Foi quando o conde a viu. Uma escocesa recém-chegada nas imediações de Alnwick. Ela estava amarrada e era arrastada pelo velho Evans.

— Amarrada? — lorde Howard perguntou

PERIGOSAS

ao seu escudeiro, pois não queria acreditar que estivesse presenciando tamanha crueldade.

– Sim, milorde. Ela está amarrada.

– Solte-a imediatamente e mande prender o maldito velho na masmorra do castelo – ordenou o conde.

– Mas com qual acusação, milorde?

– Estou ordenando. E leve a moça para Alnwick Castle agora.

Os Evans não eram nobres, mas pertenciam a uma família aristocrática no Norte da Inglaterra. Não viviam sob o domínio do conde de Northumberland, mas certamente não iriam contra ele. O conde de Northumberland era amigo pessoal do rei e nenhuma família queria ter como inimigo tão importante senhorio. De forma que a escocesa de cabelos vermelhos, olhos azuis e rosto salpicado de sardas, fora levada ao castelo e à presença do conde. O encontro

NACIONAIS - ACHERON

aconteceu no *hall* do castelo e ela, tímida, mal ousava levantar seu olhar.

— Como se chama? — lorde Howard tentou dar à sua voz uma doçura que, para aquele timbre forte como trovão, saiu singular. Ele tentou novamente, pois temia assustar a moça que já estava deveras assustada. Percebeu que os pulsos dela estavam feridos.

— Meu nome é Howard, não lhe farei mal. Vejo que está ferida. Vou chamar Mrs. Mercer, a governanta, para que trate de seus ferimentos. Também lhe arrumarei um quarto. Aqui estará segura, ninguém lhe fará mal. Dou-lhe a minha palavra.

— Quem é o senhor? — ela balbuciou e ousou erguer seus olhos. Naquele instante eles se entreolharam. Ela, por alguma razão ou por algo que tenha visto, não conseguiu tirar os olhos dos dele. Ele, talvez pela mesma razão, tampouco: — Chamo-me

PERIGOSAS

Henry Howard, sou o senhor deste castelo – ele respondeu sem qualquer tipo de afetação.

– Sou Mhairi, da Escócia.

– Por que está aqui?

– Porque aquele homem raptou-me.

– E onde está a sua família? Onde eles moram? Eu a levarei de volta.

– Não posso. Eu não tenho família.

– Como não tem uma família? Todos nós temos uma, boa ou má – o lorde riu, um riso doce, e ela sorriu também. Ficaram olhando-se por longos minutos, ele segurando as mãos dela para mostrar-lhe os ferimentos que a corda fizera em tão alvos pulsos.

– Minha mãe é... – ela hesitou. Olhou para ele e corou.

– Conte-me. Não fará diferença – ele respondeu.

– Minha mãe é uma mulher da vida...

NACIONAIS - ACHERON

— Entendi. Então ficará aqui. Vou chamar a governanta para cuidar de seus ferimentos e arrumar-lhe roupas limpas para vestir.

Há muito, lorde Howard não era *mexido* por uma mulher. Tocado profundamente, e aquela escocesa sem família, sem nome e filha de uma “mulher da vida” tinha aguilhoado seu coração. Mas os Evans não deixariam as coisas seguirem tão facilmente.

Os Evans, pai e filho — este último que já conhecia a linda jovem de uma *Casa de Moças*, próxima ao priorado de Whithorn, no vilarejo de Moray, na Escócia — apaixonado por ela, pediu ao pai que a raptasse para ele. Pois, embora fosse filha de prostituta, a jovem era virgem e intocada. Quando Sir Evans soube que o conde de Northumberland tinha atravessado seu caminho e *roubado* seu *prêmio* para ele,

tratou de conspirar contra o conde. Enviou uma carta ao rei Edward III, dizendo que o conde – que fora casado com uma Mortimer e tinha um herdeiro com esse sangue –, família de origem francesa a quem os Evans sabiam que o rei odiava. Acontece que Roger Mortimer fora amante de Isabella, a mãe do rei, e ambos tinham deposto Edward II, e governado como regentes durante três anos, até que Edward III se rebelasse e mandasse enforcar Mortimer. Portanto, Sir Evans, aproveitou-se desse motivo para incitar a ira do rei contra o conde de Northumberland.

Assim que o rei recebeu aquela estranha carta, pois Edward III temia o exército de Northumberland, mandou chamar lorde Howard ao palácio. Entretanto, enquanto lorde Howard estava a caminho de Londres, levando grande parte de seu exército, os Evans, usando um traidor de dentro do

castelo, invadiram Alnwick, soltaram o velho Evans, e raptaram Mhairi.

Edward III era um rei popular e acessível, porém, quis ouvir do conde de Northumberland por que ele tinha raptado a moça e traído o clã Neville, pois era sabido que o lorde ela noivo de uma Neville e o rei aprovava aquela união. Portanto, o rei, que era um homem temperamental, ordenou que a moça fosse devolvida aos Evans. Contudo, lorde Howard não era homem de ceder tão facilmente. Disse ao rei que os Evans tinham raptado a moça e que aquele gesto poderia suscitar uma guerra entre Inglaterra e Escócia. O lorde omitiu que a moça não tinha família e que era filha de uma prostituta.

— Majestade, estamos vivendo momentos tensos. Sabe o que seus súditos andam dizendo por causa da obra *Piers Ploughman*, de William Langland.[\[1\]](#)

PERIGOSAS

Acusam a nação de desigualdade social e injustiça. O que os Evans fizeram foi desumano. Amarraram a moça e arrastaram-na pelas ruas como um animal. Sou o senhor daquelas terras. O povo esperava alguma reação de mim. Isso pode suscitar uma rebelião. Meus homens não vão lutar por causa de uma dama. Meu exército está pronto para a guerra... — o rei fez sinal para que ele se calasse, pois também era capaz de uma clemência incomum e ele era, de muitas maneiras, um rei convencional cujo principal interesse era a guerra, mas uma guerra na qual ele pudesse ganhar alguma riqueza e tinha pavor da palavra “rebelião”. O primeiro conde de Northumberland, portanto, saiu da presença do rei mais uma vez vitorioso. Mas ele não esperava que os Evans tivessem sido tão ousados. Ele se vingaria, mataria o traidor e traria Mhairi de volta. Enviou seu exército à frente na

NACIONAIS - ACHERON

captura do ignóbil padeiro, pois fora descoberto que ele traíra a confiança do conde.

O velho Sir Evans pretendia fazer da moça sua amante, mas sua mulher a vigiava dia e noite. Mhairi, que tinha se apaixonado pelo conde pensava dia e noite numa forma de escapar daquela casa, casa a qual o velho Evans e o novo eram ordinários. Ela os odiava. Certa vez, enquanto dormia, ela ouviu um estalido nas tábuas do assoalho. Escondeu-se atrás da porta e estava armada com a trava da janela. Quando um vulto formou-se à sua frente, ela atacou com toda a sua força, e fugiu. Correu o máximo que pôde em direção à venda da vila, o local mais perto onde ela podia se esconder. Bateu na porta dos fundos e um rapaz veio atender. Este a reconheceu imediatamente e pediu que entrasse.

– Chamo-me Derrick. Vi quando o velho

PERIGOSAS

Evans lhe trouxe.

– Pode dar-me abrigo por uma noite?
Ele quer me... – ela hesitou, corada.

– Sim, pode ficar em meu quarto. Aqui estará segura.

– Pode mandar entregar este bilhete ao lorde do castelo? – o jovem Derrick hesitou, pois também estava apaixonado por ela. Mas ele temia o conde de Northumberland, por isso disse que ele mesmo levaria e lhe entregaria em mãos. A pobre jovem, então, depositou nas mãos do seu *salvador* as poucas linhas que conseguira escrever no pedaço de velino^[2] que encontrara. Raspar-o para poder reaproveitá-lo. No vitelo só tinha uma frase:

*“Se me salvar eu serei sua para sempre!
Mhairi”*

Quando a comitiva de lorde Howard

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

entrou no vilarejo de Alnwick, o jovem Derrick, tremendo, interceptou o enorme garanhão do conde:

– Milorde. Perdão. Tenho algo para entregar-lhe.

O conde freou seu cavalo quase atropelando o jovem.

– O que foi? Tem que ser algo muito importante para você quase se matar dessa forma, rapaz – respondeu o lorde.

– Sim, milorde. É isto – e entregou-lhe o vitelo de Mhairi. Quando o conde leu, seu semblante mudou imediatamente. Seus olhos crisparam.

– Onde ela está? – bradou e toda a vila o ouviu.

– Na minha casa, milorde.

Mhairi tinha perdido as contas de
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quantos dias já tinham viajado. Ele a colocara à sua frente no cavalo e enrolara-a em seu manto. Ela sentia seu corpo colado ao dela, sentia seu cheiro másculo e a respiração dele em seus cabelos. Ela dormia com seu rosto colado em seu largo peito e acordava com ele lhe beijando sua face.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou certa hora.

— Para uma propriedade que tenho longe daqui, em Hampshire. Lá ninguém a encontrará. Somente eu. Lá você será só minha. Não foi isso que prometeu em seu bilhete?

Ele a desceu do cavalo, pediu que seus homens fossem à frente, e beijou-a. Para ela fora seu primeiro beijo; para ele, o único até então com amor.

— Você será minha, só minha, farei de você minha mulher hoje ainda. É isso que deseja?

NACIONAIS - ACHERON

– Com toda a minha alma, milorde.

Chegaram à gruta naquela mesma noite. Não havia casa, apenas um mundaréu de terras sem nenhum cultivo, matas, bichos ferozes, mas foi ali que Mhairi conheceu o amor. Lorde Howard foi paciente, ensinou-a, preparou-a, e amou-a incontáveis vezes. Aquela rústica e inóspita gruta transformou-se no *templo* mais luxuoso da terra, no mais aconchegante aposento, pois seus corpos estavam onde queriam estar, um encaixado ao outro.

Tarde da noite, ele acordou com ela lhe acariciando as costas.

– O que foi, meu amor? – ele perguntou.
– Não consegue dormir?

– Não – respondeu Mhairi, timidamente.

– O que quer fazer então? Diga? Quer conversar?

– Eu... eu... queria... que... fizesse – ela parou, e pela luz que incidia da fogueira ele

PERIGOSAS

viu que ela estava corada.

– Fale, meu amor. Não tenha vergonha. Peça o que quiser. Eu sou o seu homem e você é a minha mulher. Não deve haver vergonha entre nós.

– Eu... queria que fizesse aquilo de novo – por fim, ela falou, mas estava rubra. Ele sorriu e beijou-a apaixonadamente. Estava encantado com aquela moça ardente.

– Aquilo o quê? Seja mais clara.

– Aquilo que você fez, você sabe.

– Linda, fiz amor com você várias vezes e de todas as formas. Precisa me dizer qual delas gostou mais e farei. Olha como você me deixa – ele levou a mão dela à sua masculinidade.

Ela corou novamente.

– Amo quando enrubesce, pois embora seja ousada ainda possui a ingenuidade das virgens.

– Eu queria que colocasse a boca aqui –

NACIONAIS - ACHERON

ela apontou para sua intimidade, e depois para seus seios, e depois para seus ouvidos – e dissesse àquelas palavras que me disse.

Assim ele o fez, mas antes a beijou com a fome dos apaixonados, depois desceu lentamente até seus redondos seios, sempre dizendo-lhe que ele a queria, que a amava, que era louco por ela, que a quisera desde a primeira vez em que colocara seus olhos sobre ela. Descrevia o que faria com ela, afirmava que ela era só dele, que somente ele a possuiria, de todas as formas que ele desejasse. Com seus braços fortes virou-a e colocou-a na posição a qual as chamas da fogueira evidenciassem sua lombar, iluminando os montes arredondados pelos quais ele estava louco de paixão. Puxou-a para ele com força, aproximou-se com longos beijos, aumentando as carícias à medida que ela gritava de prazer. E ali ela podia gritar, pois não havia sequer uma viva

alma humana, além deles, para presenciar aquele ato de tamanha intimidade. E ele deu-lhe razão para que gemesse. Quando ela não mais suportava tamanha tortura, ele a possuiu, não da forma que ela esperava, mas mostrou-lhe outra forma de fazer amor, uma forma ousada, que somente os amantes apaixonados enveredam por ela, pois requer total intimidade e sintonia. Ela, surpresa, porém ensinada e conduzida por ele, teve o seu gozo mais profundo, perguntando-se o que mais aquele experiente homem lhe ensinaria.

Mas quando a felicidade é demais, os seres vivos podem saber que antecede uma terrível tristeza. A natureza parece que conspira, que inveja, que sobrepuja a alegria alheia. E foi assim que aconteceu. Uma carta do rei alcançou lorde Howard dizendo de quem aquela moça era filha e se o rei tivesse dito que ela era filha do diabo teria

sido melhor para o conde. Mas Mhairi era a bastarda do pior inimigo dos Northumberland, filha do conde de Douglas, e a notícia já se espalhara por toda a Inglaterra. Se somente ele tivesse ficado sabendo de tão grande tragédia, ele subjugaria o ancestral ódio e se casaria com ela. Contudo, o rei, e principalmente os Neville, o barão, seu tio, exigiam que ele largasse aquela “filha de prostituta” e ainda por cima uma Douglas e se cassasse com Margaret Neville, a prima que aguardava por ele.

Com o coração partido, pressionado, ele se refugiou em Londres e não recebia ninguém. Queria pensar. Aquela contenda já havia durado tempo demais e ele amava Mhairi. Antes, cuidou para que ela voltasse em segurança para Alnwick Castle e disse a ela que esperasse pelo seu retorno, pois ele tomaria uma decisão. Entretanto, ele

demorou tempo demais para decidir; tempo que os Neville tiveram de sobra para arquitetar um plano e sabotar o retorno de lorde Howard ao Norte. Ele foi enviado pelo rei numa missão a Portugal para tentar uma aliança Anglo-Portuguesa. Quando ele retornou, decidido a se casar com Mhairi, pois a saudade o consumira dia e noite, ela já havia se casado com Sir Evans e estava grávida.

Mais uma vez a tradição e o ódio venceram o amor.

Foram os meses mais difíceis da vida de lorde Howard. Mal comia, mal saía de casa, não cavalgava mais e nem ao seu filho ele dava atenção. Sua tristeza culminou com a morte de Mhairi no nascimento de uma menina que ele sabia que era dele, ou que tinha grande probabilidade de ele ser o pai. Mas a família jamais deixou que ele a visse, embora tivesse tentado. Por fim, pensou no

que adiantaria, o seu amor tinha morrido por causa da sua covardia e olhar para aquela criança apenas lhe lembraria que ele fora um fraco. Mas mesmo assim, ele monitorara o seu crescimento em Londres, em Paris. Para onde a marquesa viúva de Queensberry levava a criança, lá estava um espião do conde de Northumberland.

Mas, desiludido, pressionado, ele se casa com Margaret Neville, sua prima, que logo engravida e nasce seu segundo filho, Ralph Percy: um alento à sua tristeza.

Capítulo I

O destino prega uma peça

Alnwick, agosto de 1388.

Quando ele viu aquela jovem era como se tivesse vendo Mhairi. Não podia ser, ele sabia, Mhairi estava morta havia muitos anos. Mas ele sabia quem ela era. Havia alguns anos que deixara de persegui-la pela Europa, tinha achado melhor deixar que ela pensasse que era filha de Sir Evans. Do que adiantaria ela saber que ele podia ser seu pai? E ele também não tinha certeza. Desconfiava, pois era a única razão para Mhairi não ter esperado por ele. *Por que não escrevi para ela?* Ele lamentava todos os dias. Mas fora um tolo orgulhoso. Deixara que um sobrenome interferisse entre seu amor por ela. E agora ela – a filha

de Mhairi – estava ali em *Alnwick Castle* e com seu herdeiro. *E o que ele estava vendo nos olhos daqueles dois jovens? Não! Eles não podem se apaixonar.* Como fazer para contar a verdade para o filho? Talvez ele estivesse vendo coisas. Podia ser somente uma jovem à procura de um bom tratador de cavalos, pois isso, seu filho era.

Mas quando há algo proibido, a vida dá voltas, salta muralhas, montes, transporta fronteiras, oceanos, mas faz o desejo crescer. E cresceu. Como ele temia, seu filho queria casar-se com sua própria irmã. Ele teria que agir. Enquanto Sir Percy foi em busca do padre para realizar a cerimônia de casamento, o conde agiu. Mandou que Miss Evans, a filha dele com seu grande amor, fosse raptada e levada para Hampshire. Lá, Sir Percy não a encontraria. Ele estaria evitando um incesto. Depois contaria para seu impetuoso filho o motivo

pelo qual ele não podia se casar com Miss Evans. Mas seria uma dura e difícil conversa, ele tinha que se preparar antes.

Ela a viu descer a escadaria cabisbaixa e caminhar para a saída de *Alnwick Castle*. De cada lado, dois de seus guerreiros cercavam-na. No pátio do castelo, vários outros de seus homens estavam a postos em suas montarias, e ao lado deles, outros animais com provisões, munição e a égua da moça. Ele, da janela, com o coração apertado, viu quando ela se aproximou e chorou abraçada a égua. *O que se passa em sua mente?*

Foi lhe dado um animal para que montasse, pois sua égua ainda não tinha forças para carregá-la na longa jornada. Quando ela montou, o conde ficou chocado, pois ela o encarou. Ele estava na janela e também olhava para ela. Estava muito triste. Era como se perdesse novamente a sua

Mhairi. Revivera o momento em que Mhairi fora embora de Hampshire. Viu os mesmos ombros decaídos da mãe e chorou pelas duas. Viu que ela também chorava e quis morrer naquele momento, pois vira nela uma profunda tristeza, sua alma certamente chorava, e o seu rosto estava molhado pelas lágrimas. Naquele instante ele teve vontade de atirar em sua própria cabeça. Maldita escolha que fizera para que fizesse sofrer Mhairi e agora a filha de sua amada, talvez sua própria filha. E que dor traria ao seu próprio filho.

Entretanto, após sobreviver a dura batalha de Otterbourne, em Hampshire, batalha a qual ele achou que perderia seus dois filhos para um maldito Douglas, ele tivera que contar toda a verdade a Sir Percy. Mas seu filho lhe dissera que já tinha feito da moça, sua mulher. *O que ele poderia fazer?* Abençoou, pois pelo menos seu filho

PERIGOSAS

dormiria todos os dias com a mulher que ele amava, coisa que jamais acontecera com ele. Se ele pudesse tirar uma lição disso tudo, se pudesse ter de volta uma segunda chance, ele viveria o amor apesar de todas as imposições, fossem elas da família, de dogmas, de estigmas, de preconceitos, pois não há felicidade sem afeto. Sem amor, a vida passa, mas não brilha. *Que meu filho e minha filha sejam felizes! Que a Providencia me perdoe, os perdoe!*

Henry Howard amanhecera cansado demais naquele dia. Um tipo de cansaço anormal, mas tinha que ir para Londres, uma viagem extenuante de quatro dias. Por mais que ele tentasse levantar-se, seu corpo não o obedecia, embora sua mente estivesse vívida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Eu preciso ir ao *Magnum Concilium*. Tenho que sair dessa cama, maldição! O que está acontecendo comigo? Que maldito sono dos infernos é este?

– Você não vai, meu amor – disse uma voz que ele jamais esquecera. O mesmo timbre doce e anasalada. *Voltei a dormir, maldição, estou sonhando com ela de novo. Não quero acordar, preciso ver sua face, há tempos não consigo preencher todos os contornos.* Abriu os olhos para vê-la em sonho, mas ciente de que estava atrasado para o encontro com o rei.

– Preciso levantar-me. Tenho que partir imediatamente para Londres, senão o rei ficará furioso. Ele já me teme por causa do meu exército, não posso dar mais motivo para esse temor.

– Eu sei, meu querido, que apenas os escolhidos do rei fazem parte desse Grande Conselho. Mas ele terá que substituir seu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

melhor homem agora – disse a voz ainda sem rosto. Foi quando ele a viu à sua frente. Linda, toda de branco.

– Mhairi, Mhairi, meu amor! O que faz aqui? Nunca em nenhum dos meus sonhos eu a vi com tanta nitidez. Logo agora que estou atrasado...

– Não se preocupe, meu amor. Não há contagem de tempo agora, não há compromissos.

– Como assim? Do que está falando? Onde estamos? Este não é o meu quarto. Meu Deus! Que sonho mais bizarro! Estamos na gruta em Hampshire. Mas não estou sonhando, estou acordado, tenho certeza disso. Como consegui chegar aqui tão rápido?

– Eu o trouxe, meu amor. Esperei por você por longos anos, mas agora temos toda a eternidade.

– Então eu... eu... morri?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Morrer é uma palavra muito dura, meu amor. Você dormiu e passou para outra dimensão. Nossa alma jamais morre.

– É um sonho então e logo a minha triste vida sem você voltará?

– Jamais voltará, meu amor. Venha! Nossa história começa agora. Jamais ninguém nos separará.

– Mas eu não compreendo, Mhairi. Onde está o céu e o inferno que o pároco tanto falava? Sei que não mereço o céu, pois errei demais, mas onde está o...

– Meu querido, este é o nosso céu! Olhe! Não foi aqui que fomos mais felizes? O céu é diferente para as pessoas, pois o que faz uma pessoa feliz não é a mesma coisa que faz a outra. Seria injusto se todos nós fôssemos morar em “ruas de ouro”, não acha? Ruas de ouro não me atraem, mas essa rústica gruta com a pessoa que eu mais amei na vida é o céu para mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Oh, Mhairi! Meu amor, minha vida. Para mim, o céu é estar com você em qualquer lugar. Sim, essa gruta é o nosso céu e sempre será.

– E para sempre, meu amor! Eu te amo!

Capítulo II

A história de Henry Percy e Izabele Douglas

Alnwick, 1808.

Henry Percy, o oitavo conde de Northumberland que herdara o nome dos seus ancestrais condes medievais, sobressaltou-se:

– O que está dizendo, Baker? Izabele está aqui?

– Sim, milorde. A Douglas, a minha filha e aquele padre que agora é monge estão a caminho da Escócia agora.

– Como soube?

– Jessie me mandou uma nota dizendo que estão a caminho da igreja de Dalkeith. Os pais de lady Izabele morreram com um
NACIONAIS - ACHERON

ou dois dias de diferença, uma tragédia, mas lady Izabele ainda não sabe. Pensa que estão apenas doentes. Eu mesmo escrevi para Jess contando da doença deles. A lady precisava saber, milorde.

— Sim, ela precisava saber... — disse o conde, pensativo. — Baker, prepare a carruagem. Vamos para Dalkeith agora.

— Sim, milorde.

De longe, Izabele reconheceu o emblema dos Northumberland na carruagem que acabara de chegar às imediações da igreja. O cemitério ficava ao lado. Havia acabado de enterrar seus pais e contra todos os protocolos fora ao sepultamento. Os cavalheiros a olhavam com olhos acusatórios, mas aquela seria a última oportunidade de ver os rostos deles, embora estivessem sem vida. Há muito deixara de cumprir formalidades. Fora praticamente escorraçada da Inglaterra por lorde Neville

porque estava grávida de Henry Percy e agora ele estava ali, caminhando em sua direção.

Nove anos tinham se passado e ele nada mudara. E ela? Com certeza tinha mudado. A tristeza envelhece como o sol sobre a fruta. E ela tivera longos anos de sofrimento. Prometera nunca mais pensar nele, embora sua mente tampouco lhe obedecesse.

Muitos cavalheiros já tinham ido embora, mas o pároco, seu filho, e alguns, ainda continuavam ali olhando para ela e para o conde que vinha em sua direção. Ele não disse uma só palavra. Ela sentiu aquela mão que ela tanto conhecia e amava — *amava? Que Deus tivesse misericórdia de sua alma, ela ainda era louca por ele* —, puxando-a em direção à carruagem. Não eram necessárias palavras. Eram duas almas que há muito ansiavam pela outra, dois

PERIGOSAS

corpos que se conheciam e tinham fome um do outro. As cortinas foram fechadas, ele a tomou nos braços, o beijo foi avassalador, ele a beijava ao mesmo tempo em que a despia e sentava-a sobre seu corpo pulsante. A penetração fora rápida, esfomeada, murmurada, gemida, gritada: — Vida — ele gemeu em seus ouvidos. — Sempre a amei.

O gozo dela veio acompanhado de um soluço. Choro, lágrimas, mãos agarradas ao pescoço dele e rosto enterrado em seu peito.

— Eu jamais teria me casado se soubesse. Jamais perdoarei lorde Neville. Baker me contou tudo depois. Por que não deixou seu endereço quando foi para Prússia, meu amor? Meu Deus! Rodei aquele maldito país por muitos anos e não te encontrei. Poderíamos ter fugido. Só voltei porque meu herdeiro nasceu. Conte-me, meu amor, e a criança que esperava? Onde está meu filho?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Izabele começou a chorar novamente, um choro contido, mas dolorido.

— Eu queria tê-lo tido, mas... — ela recomeçou a chorar. Os soluços eram audíveis de longe.

— Eu o perdi...

— Shi, não chore, estou aqui. Podemos recomeçar agora. Teremos novos filhos, vários. Vamos embora para a Índia. Lá ninguém nos reconhecerá. Seremos apenas você e eu.

— Não, Henry, é tarde para nós dois. Casei-me com Leopold e... — ela hesitou.

— Diga-me, vida. Diga-me, meu amor.

— Elizabeth. Tem Elizabeth. Ela o ama.

— Elizabeth nos traiu. Ela armou para nós. Nunca a amei, sempre amei você, Izabele. Por Deus! Eu me casaria com você se soubesse que estava grávida de um filho meu...

— Não basta, Henry. Não basta! Se me

NACIONAIS - ACHERON

amasse de verdade teria se casado comigo antes, de qualquer jeito, fosse eu uma Douglas ou não. Você foi um fraco. Desculpe-me, mas preciso lhe dizer isso. Você deixou que um ódio absurdo e irracional fosse maior do que o nosso amor. Sim, creio que se arrependeu, mas fez sua escolha no passado e toda escolha tem uma consequência. Hoje eu sou casada com outro homem, você é casado com Margaret Neville, e, pelo que eu ouvir dizer, ela é uma excelente mulher e lhe ama. Eu não tenho esse direto, Henry, por mais que eu o ame. Você não imagina como sua proposta soa-me tentadora, mas eu não posso aceitá-la. Há coisas que não passam pelo meu crivo da dignidade e essa é uma delas. Sim, fizemos amor agora, pois o desejo foi maior que todas as minhas forças, mas isso jamais voltará a acontecer.

— Não, amor, perdoe-me. Não faça isso

PERIGOSAS

conosco. Eu a amo e sempre amei, sempre amarei.

– Não, Henry. Você deseja-me, apenas isso.

– Não diga isso, meu amor. Eu a amo mais que tudo neste mundo. Fiquei muito tempo na Prússia à sua procura. Quando a filha de Baker finalmente escreveu dizendo que estavam em Leipzig, fui imediatamente para lá apenas para lhe ver de longe. Quase matei aquele maldito professor de música. Só não invadi a sua casa porque Baker praticamente me amarrou, me dopou e me jogou no navio de volta. Nunca o odiei tanto.

– Aquele maldito professor de música salvou a minha honra. Coisa que você não fez.

– Perdoe-me, Izabele. Você está tão amarga.

– O amor não correspondido causa-nos

NACIONAIS - ACHERON

amargura, Henry. Mas a ilusão também causa. Não posso mais viver de ilusão. Amei-o, aliás, amo-o, jamais deixarei de amar, mas não estragarei uma família, aliás, duas. Enterrei meus pais hoje. Morreram de tristeza, de vergonha. Tenho uma irmã cortesã, que futuro este país me reserva? Nenhum. Preciso ir. Meu lar agora é na Prússia.

- Maldita Prússia! – bradou ele.
- Bendita Prússia que me acolheu.
- Vou me divorciar, amor – disse ele.
- Alegando o quê?

Ele não respondeu. Não tinha o que alegar. Ele sabia que era o fim, que sua fraqueza no passado traçara o caminho do presente e do futuro. Que futuro teriam juntos? Izabele seria exposta à sociedade mesquinha de Londres, sofreria e ele a amava demais para vê-la sofrer.

- Amor, pense apenas. Vou para a Índia

PERIGOSAS

a negócios. Ficarei lá alguns meses, anos, talvez. Escreverei para Jessie. Quando decidir encontrar-me, escreva-me. Viverei com a esperança de que um dia você decida perdoar-me e vá ao meu encontro. Prometa-me que vai pensar.

Ela ficou calada.

– Prometa-me, Izabele. Por favor. Eu lhe imploro.

– Sim, Henry. Eu prometo. Até porque, por mais que eu tente, a sua imagem jamais sai da minha mente.

– Você também está sempre em minha mente, meu amor. Sempre.

Beijaram-se longamente com a promessa de deixarem que o destino decidisse por eles. Mas o destino, às vezes, tem infausto humor, age com rigor e decreta um desfecho que pode ser aquele o qual esperamos.

NACIONAIS - ACHERON

Vinte anos se passaram e o oitavo conde de Northumberland foi acometido por uma febre misteriosa que assolara toda a Índia matando centenas e mais centenas de pessoas, pobres ou ricos, a febre não escolhia casta. À beira da morte, desenganado pelos médicos ingleses que residiam em Calcutá, ele pareceu ouvir a voz de Izabele na nova enfermeira: — Por que fala inglês agora se nunca falou uma palavra sequer até hoje? — ele perguntou mal-humorado à mulher que cuidava dele todos os dias. A voz não respondeu. Mas o som fizera com que se lembrasse dela.

— Izabele! Por que não veio? Esperei por você por todos esses malditos anos!

— Não, meu amor. Desde o dia oito de outubro de 1828 estou aqui à sua espera. Há dois anos anseio por falar com você, falava,

PERIGOSAS

mas havia um obstáculo entre nós dois.

– Como obstáculo? Por que não me chamou, gritou? Eu teria atendido. Você nunca saiu da minha mente.

– Chamei, chorei, gritei, mas estávamos em dimensões diferentes.

– Que raio de dimensão está falando, Bele? Eu é que estou nesse país cheio de misticismo e você que vem com essas bobagens?

– Não está mais na Índia, amor. Olhe!

E ele olhou. Os campos que se descortinavam à sua frente, com seus cumes brancos de neve, não podiam ser na Índia. Ele reconheceu as montanhas da Escócia, os campos salpicados de ovelhas, e seus olhos encheram de lágrimas.

– O que está acontecendo, meu amor? É um sonho, não, não pode ser sonho. Vejo-a como a vi no passado, jovem e linda. Eu estava muito doente, talvez eu tenha...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

– Sim, meu amor. Eu também o vejo como era em 1798 e 1799, jovem, cheio de vida. Agora vamos recomeçar a nossa história. Agora nada nos separará, nem o ódio entre as nossas famílias, nem sua mulher, nem meu esposo. Eles não existem aqui em nosso céu.

– Céu? Eu sou um dos mais pecadores da terra, meu amor. Como pode ser?

– Meu amor, para mim o céu é aquilo que mais desejamos e para mim o céu sem você seria como o inferno, como um castigo. Sempre imaginei que Deus nos daria um céu, cujos nossos sonhos fossem realizados. Deus seria muito injusto se as pessoas que sofreram na terra não tivessem a chance de serem felizes no céu. Olhe, lá está um cavalo. Pegue-o e leve-me com você, como você fazia no passado. Há anos anseio por este momento e agora será para sempre.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

FIM

**Estes capítulos extras fazem parte do
livro *A Estrangeira*.**

NACIONAIS - ACHERON

Leia também

A Estrangeira

O primeiro livro da série Quarteto do Norte.

No século XIX, o conde de Northumberland, um dos descendentes de Sir Percy, um cavaleiro medieval envolvido na Batalha de Otterbourne, travava uma luta bem menos sangrenta. Obrigado por honra a se casar com uma prima por quem ele não nutria nenhuma simpatia, ele se depara com uma misteriosa recém-chegada às imediações de Alnwick. A misteriosa estrangeira, vestida à moda de vinte anos atrás, mexe com a imaginação de todo o condado e, principalmente, com a vida do conde. Pouco se sabe sobre a moça, apenas que é metade inglesa e metade

PERIGOSAS

prussiana. Com apenas alguns Shillings e um cão, que apareceu sem ser convidado, a vida de Eliza se cruza com a do conde Hotspur, o cavalheiro que herdara de seu antepassado, além do apelido, o ímpeto e a beleza. Entretanto, fala-se no condado que o clã Northumberland, além de ter a estranha tradição de casar-se com primos, no passado casava-se com seus próprios irmãos. O encontro entre o conde Hotspur e a pobre dama vai desenterrar antigas contendas: ela querendo se esconder e ele desvendar o passado.

Inspirado na Batalha real de Otterbourne, *A Estrangeira* narra duas histórias ao mesmo tempo. Embora intercaladas por 442 anos, a primeira influenciará a segunda: o amor proibido de Sir Percy Hotspur por Miss Evans, e o envolvimento do conde Hotspur, com Eliza.

NACIONAIS - ACHERON

Ambas cheias de mistério, mas desconcertantemente belas.

Primeiro capítulo:

Prólogo

O herdeiro Northumberland

“O caráter não é esculpido em mármore, não é algo sólido e inalterável. É vivo e mutável, pode adoecer como adoece o nosso corpo; da mesma forma pode regenerar-se.” [\[3\]](#)

Londres, Inglaterra, outubro de 1830.

O dia amanheceu enevoadado. A paisagem normalmente acinzentada de Londres, ainda mais densa, estava coberta por uma nuvem espessa de poeira que se elevava do trepidar dos cascos dos cavalos; ou seria neblina, ou mera ausência de luz tão comum à cidade

negra? O chilrear dos pássaros, normalmente tão constante ao longo do *Temple Gardens*, estava retraído; as árvores, embora um vento débil soprasse em suas folhagens, teimavam em sua rigidez, como se congeladas. Ou, talvez, o espírito do passante estivesse sombrio a tal ponto que nada via, senão um reflexo de si mesmo em cada olhar cabisbaixo, cada cumprimento sisudo, cada cor lúgubre. Tão diferente dos dias ensolarados de outrora, quando, apesar da chuva que caía em rajadas, deixando tudo encharcado, seus olhos haviam estado tão acesos por uma luz vinda de algum lugar, não sabia exatamente de onde.

A carruagem do nono conde de Northumberland, conhecido em Londres por lorde Hotspur, puxada por quatro parelhas de *Norfolk Trotter*, cruzava a *Trafalgar Square* velozmente rumo ao extremo norte da Inglaterra. O retorno apressado para

Alnwick, um vilarejo situado quase na divisa com a Escócia, dava-se por conta de uma mensagem de Mr. Dornford, o administrador de suas terras, na qual ele se dizia preocupado com uma situação constrangedora e inesperada que fugia de seu controle e de sua alçada.

O conde, após retirar a carta do bolso de sua casaca, pôs-se a relê-la:

Alnwick, 3 de outubro de 1830.

Sua Senhoria,

Sinto informar que John Baker morreu há quatro dias, como o médico havia previsto, já que seu estado de saúde era grave, e a idade avançada não ajudava. Eu não o incomodaria apenas por esse fato, pois Sua Senhoria, mesmo não tendo nenhum parentesco com o velho rendeiro, fez tudo o que estava ao seu alcance para tratar de sua doença. Mas, o que me preocupou foi a chegada, há dois dias, de uma dama estrangeira que se diz sobrinha dele, uma jovem bonita demais para viver sozinha, sem acompanhante, sem meios, naquela cottage à beira do lago Green, totalmente à mercê

PERIGOSAS

dos perigos que, o conde sabe, ela está correndo. Ela virou o assunto do condado e como o oitavo conde, seu pai, tinha alguma ligação afetiva com John Baker, talvez o lorde queira tomar alguma providência.

Cordialmente, Mr. Dornford.

Lorde Hotspur chegara à cidade havia uma semana e pretendia passar todo o inverno em Londres para se afastar de Alnwick Castle, impregnado de uma mórbida tristeza depois da morte de sua mãe, a lady que nascera Margaret Neville e se tornara a condessa de Northumberland pelo casamento.

Ninguém esperava que ela morresse tão precocemente, tendo em vista sua aparência saudável. Era uma mulher que estava o tempo todo fazendo alguma coisa pelo povo do condado, sempre disposta a ajudar, fosse a um rendeiro, fosse à esposa de algum fazendeiro, talvez para suprir a negligência

de seu próprio marido para com seus vassalos. O fato é que, embora uma nuvem de tristeza sempre perpassasse seus olhos, a condessa estava lá, à disposição de alguém cuja tristeza fosse menos profunda que a dela, aquele tipo de dor que reside na subsistência humana, na falta de carvão e agasalho para suportar o rigoroso inverno do Norte; ou na carência de assepsia, o que a levava às moradias mais simples para orientar e ajudar a manter a doença longe de seus chalés; e até na assistência financeira, socorrendo todos que tinham, conforme sua rede de informantes, algum tipo de necessidade. Assim, o condado era permanentemente assistido por ela ou pelo próprio lorde Hotspur. Sua morte inesperada, por isso mesmo, tinha sido uma verdadeira tragédia, sentida não somente pela nobre família Percy Northumberland, mas pelos mais humildes habitantes de

Alnwick.

Nem bem tinham assimilado a perda da condessa, outro trágico acontecimento, dois meses depois, marcaria a família Percy: o oitavo conde também falecia durante uma de suas inúmeras viagens. Hotspur nem sabia onde seu pai se encontrava na ocasião, pois esse costume era comum ao velho conde. Dizia que ia para Londres e de lá partia para o continente e para outros países. Assim, passava meses em seu ostracismo voluntário. Havia tempo deixara por conta de Hotspur, filho mais velho e herdeiro do título, a incumbência de administrar as propriedades da família. Dessa vez, para a surpresa de todos, o desregrado conde tinha ido parar na Índia. Segundo um amigo que o acompanhava na comitiva, ele contraíra uma febre e morrera de repente. Curiosamente, sem saber que havia ficado viúvo, pois a família não soubera para onde

enviar a carta informando-lhe a respeito.

Com tantas perdas — embora a da condessa fosse a mais sentida —, lorde Hotspur sentia-se muito abatido.

Seus planos, quando chegara a Londres naquele período mais agitado da cidade, tinham sido o de permanecer ali por algum tempo, pois pretendia ver lady Neville. Precisava voltar a *conhecer* a prima — sua prometida noiva —, pois, afinal, já que se casaria com ela, deveria haver pelo menos uma simpatia entre os dois. Sua intenção era aproveitar os bailes da temporada para tentar criar essa ligação. *Quem sabe ela tenha ficado menos magra e menos aborrecida*, tinha pensado. Uma coisa era certa: não podia mais adiar o casamento, algo que vinha fazendo havia anos, e isso o exasperava, pois odiava ter que fazer aquilo que não desejava, sobretudo algo que tinha de fazer por obrigação. E, decididamente,

ele não queria se casar. Contudo, a prima, com 23 anos, estava ficando velha, segundo lorde Neville, o barão, pai da moça e seu tio por parte de mãe. O futuro sogro tinha-lhe mandado uma carta, logo após a morte de seu pai, chamando-o à responsabilidade de gerar o próximo conde de Northumberland. Mas ele conhecia a real intenção do barão: fazer cumprir o acordo de casamento selado com o oitavo conde.

Havia séculos os Percy casavam com primos. Assim, a aliança entre eles e a família Neville era muito antiga. Sua mãe fora uma Neville antes de se tornar condessa de Northumberland e, em honra à palavra do seu pai, ele teria que desposar a prima. Era uma situação estranha, já que havia passado toda a sua infância com ela — ele um juvenzinho e ela uma criança — pois o clã Neville morava próximo a Alnwick Castle. Quando ela se tornou uma jovem

dama, o barão se mudara com a família para Londres, época em que ele estava na guerra e depois em Oxford. Dessa forma, ainda não conhecia a lady Neville adulta, embora a figura da feia e enfadonha menina sardenta de outrora estivesse impregnada, repulsivamente, em sua mente. A imagem que ele tinha dela não podia ser pior: monótona, estreita, fina, achatada e desinteressante. Só de pensar em ter de sentar-se à mesa todos os dias com uma insossa criatura, como a que imaginava, deixava-o de mau humor.

Fizera a cansativa viagem de quatro dias do Norte a Londres para atender a um convite de seu amigo de infância, o duque de Prudhoe. Não viera apenas para uma festa em Prudhoe House, como nos velhos tempos. Havia-se agarrado a esse pretexto para se afastar por alguns meses do ambiente fúnebre de Alnwick. Perder os

país, quase ao mesmo tempo, havia sido um golpe bastante duro, até mesmo para o forte e impetuoso lorde Hotspur. Embora estivesse aborrecido com o tio barão, pois este havia mexido com sua honra quando o chamara a cumprir a palavra, mesmo que essa não fosse sua e sim uma *maldita* tradição da família da qual ele agora era o senhor, Hotspur estava curioso para reencontrar o amigo. Prudhoe havia voltado recentemente de uma longa lua de mel, que durara um ano. Sim, tinha que admitir, a despeito do tio, que existia alguma curiosidade em rever o duque e a duquesa, ouvir o que o amigo tinha a lhe dizer sobre o *casamento*, já que em breve ele mesmo seria um *respeitável* homem casado. Praguejou.

Hotspur e Prudhoe eram amigos desde bem pequenos. O conde não conseguia se lembrar de nenhuma parte de sua existência,

pouco mais de trinta anos, da qual o duque não fizesse parte. Contudo, de todas as épocas, a fase, cujas recordações eram mais vívidas, era a dos seus 18 anos, exatamente o período que compreendia os momentos vividos na guerra. Depois disso, Prudhoe tinha ganhado mais um irmão. Mas, como acontecia entre os irmãos, o duque, às vezes, voltava a ser o *dandy* irresponsável da juventude, e extrapolava a paciência até de um santo. E ele, certamente, não podia ser chamado de imaculado.

Vociferou ao recordar-se da festa promovida pelo amigo. Aquela última troça não tivera graça nenhuma! Convidar *mademoiselle* Duplessis para cantar em Prudhoe House fora de um terrível mau gosto. Madame Marie Duplessis! Já se haviam passado dez anos do envolvimento dos dois em Paris, assim como da briga que ele tivera com lorde Davy, o conde de

Douglas. Não que a cantora francesa tivesse a mínima importância para ele agora, mas se lembrar do *maldito conde escocês* sempre o enfurecia, pois as duas famílias eram inimigas ancestrais. Lorde Davy tinha-lhe tomado a moça para se vingar dele, pois sabia do *affair* entre eles. Mas, vindo de um Douglas, ele já esperava por aquilo. O pior fora Marie Duplessis achar que ele estava disposto, dez anos depois, a tomá-la como amante novamente! Com certo ar de desdém, ele se recordou do que ela havia-lhe dito, quando o encontrou em Prudhoe House.

— Lorde Northumberland! Os anos apenas lhe beneficiaram. Está ainda mais atraente agora que é um homem feito! Quando encontrei o duque de Prudhoe, em Paris, e ele me convidou para cantar em sua casa, eu tinha muita expectativa de revê-lo. Desmarquei vários compromissos para estar

aqui, pois ainda sinto que ficou um mal-entendido entre nós...

— Como vai, madame? — Hotspur respondeu, beijando-lhe a mão. O frio cumprimento não foi o que ela esperava. O que ela queria? Na época ele era apenas um moleque recém-saído de Oxford numa viagem pelo continente com seus amigos, e com seu *inimigo*.

— O duque me disse que agora é o nono conde de Northumberland, portanto, mais cobiçado ainda — ela disse, pousando a mão direita no largo peito do conde.

— Sua Graça, o duque, fala demais — ele retrucou, rispidamente.

Marie Duplessis tinha lhe arrastado para um escritório, colocado as duas mãos em seu pescoço, e encostava seu voluptuoso corpo ao dele. Todavia, quando ele olhava para ela, lembrava-se de lorde Davy, e isso era um problema, porque sentia uma

estranha repulsa visível nos seus expectantes olhos verdes. Não que ela não fosse atraente, ainda era e muito, mas por causa daquela mulher ele nunca mais confiara em nenhuma outra. Quando ela levou a mão às suas calças, ele afastou-a educadamente.

— Onde está o famoso lorde Hotspur, aquele *fogoso* jovem que eu conheci em Paris? — ela perguntou, com sua sensual voz soprano. Era a mesma que ela usara com o jovem lorde no passado, mas não funcionava mais. Marie Duplessis olhou-o com seus olhos verdes suplicantes e ergueu os lábios cheios e rosados. Ele, contudo, se esquivou.

— Madame, creio que na época eu não lhe expliquei que herdei esse apelido de um parente medieval, por alguma proeza idiota que eu fiz na guerra. Naquela idade, o imbecil jovem até gostava de ostentá-lo, a

fim de atrair jovens *mademoiselles* para a cama, mas hoje, confesso, dei-o ao meu cachorro. Portanto, já deve imaginar que ser chamado de *lorde Hotspur* não me *anima* mais.

Ele suspirou, soltando uma imprecação. Sua atitude fora rude demais, mas tinha ficado enfurecido com a brincadeira de Prudhoe e do duque de Belvoir, como ele ficou sabendo depois. Talvez, em outra época, isso não o tivesse incomodado, *com certeza, não*, mas naquele momento ele estava destroçado pelas perdas familiares, pressionado para casar pelo tio e, agora, por um terceiro aborrecimento. Reagira, assim, como o indomável Hotspur.

O duque de Prudhoe, que havia pouco mais de um ano tinha caído de paixão por uma pobre ama e quebrado todas as regras da sociedade inglesa ao se casar com ela e fazê-la duquesa, parecia decidido a fazer

dele, o conde Hotspur, o próximo escândalo de Londres. Isso estava deixando o seu tio, lorde Neville, desesperado. Afinal, se o grande duque de Prudhoe tinha enfrentado a família, a sociedade e seguido seu *fraco* coração, o implacável conde poderia ser influenciado a também fazer uma *asneirada daquela*. O duque, mesmo ciente da pressão que o amigo sofria, decidira armar aquela brincadeira, juntamente com Belvoir, como se eles fossem os antigos jovens irresponsáveis estudantes de Oxford. Lorde Hotspur deixaria Prudhoe House sem ao menos se despedir do velho amigo.

Desde que chegara a Northumberland House tinha tido um aborrecimento atrás do outro e estava em seus piores humores, algo não muito difícil de acontecer, pois era imperioso por natureza. Além da pressão férrea por parte do tio, uma carta de uma antiga *protegida* tinha lhe deixado

exasperado. A *dama* alegava ser ele o pai do bastardo que esperava, o que sabia ser impossível, pois havia mais de um ano que ele ordenara a Kaufmann, seu secretário, que enviasse a ela uma joia de despedida. Perdera o interesse por ela desde que a encontrara nos jardins de Vauxhall com o conde de Douglas, o qual estava, novamente, seguindo o seu rastro. Ele se perguntava quando se veria livre dele, mesmo tendo-lhe presenteado com um enorme favor, pois a jovem, Lillie Langtry, já não o prendia mais. Suspirou novamente. Estava cansado das Lillies e das Maries. Jamais admitiria isso para Prudhoe, *aquele grande falastrão*, mas o invejava. O duque tinha enfrentado tudo e se casado com quem quis. Já ele tinha que se casar com lady Neville, que agora o atraía tanto quanto Marie Duplessis.

Odiava aqueles pensamentos. A culpa

PERIGOSAS

era de Sir Percy que havia introduzido no sangue da família aquele ímpeto romanesco. *O guerreiro tinha que morrer por causa de uma mulher?! Tanto motivo mais nobre, mas não, o cavalheiro tinha que estragar todo o restante da raça Percy Northumberland!*

Recostou-se no assento e olhou para a janela da carruagem. Dias e mais dias de viagem! Hospedagens frias, camas bolorentas e solidão. O dia, de fato, estava frio e cinzento como o seu humor. Ainda levaria horas para chegar a Alnwick e nenhum estímulo, apenas mais problemas. De onde tinha saído a tal estrangeira que Mr. Dornford havia falado? O que faria com ela? Levá-la para Alnwick Castle sem acompanhante? Isso só geraria mais mexericos, afinal, ele não era nenhum modelo de comportamento. Ia devolvê-la ao seu reino e pronto. Cada nação com seus

NACIONAIS - ACHERON

problemas e ele já tinha os dele.

As rodas da carruagem já tocavam o solo do Norte, cada vez mais frio, cada vez mais escuro, e uma irritação tomava conta dele, deixando-o sombrio. Seus pensamentos eram profundos e consternados.

É angustiante perceber que a vida não passa de alianças, de obrigações com o clã, e, se decidir quebrar isso, esse sentimento de culpa me acompanhará para sempre. O sentimento da desonra. Quando observo os estreitos limites em que me encontro, encerrado entre o dever e os vãs prazeres das amantes, que já não mais me satisfazem; quando vejo que o objetivo de todos os meus esforços é prover a honra do nome da família, a palavra dada por meu pai, que por si mesma não tem outro fim senão prolongar uma aliança de interesses e vaidades, e que por consequência rouba

toda a minha paz... Se aceito sem lutar, o que não faz parte de meu ímpeto de guerreiro – por isso essa tortura – serei um resignado homem casado em poucos meses. Mas, o que estou querendo? Afinal, tudo não passa de uma resignação pela honra que, aliás, não é nem minha, pois, se fosse, não seria tão questionada. Sinto-me um prisioneiro de uma ancestral imbecilidade e tudo isso me reduz a um silêncio irado. Olho para dentro de mim mesmo e vejo um homem, cheio de mitos, pressentimentos e vagos desejos de que a realidade fosse luminosa e cheia de algo que eu não sei bem o que é, mas queria apenas que tivesse cor. Pelo amor de Deus, que tivesse cor! Acho que o Norte está congelando a minha limitada existência; vou me arrastando dia após dia, de inverno a inverno, olhando as folhas caírem, inebriado pela bebida, sob a falsa alegação de conforto. Algo precisa

PERIGOSAS

mudar, essa revolta tem que ser subjugada. Vou me casar com lady Neville e parar de lutar com o que não pode ser evitado.

Foi quando lorde Hotspur a viu atravessando a rua. Ela e o cão. Os cabelos mal trançados, desgrenhados, caíam sobre os ombros e eram jogados no rosto pelo vento. Ela sacudia a cabeça para tirá-los da sua visão. Trazia uma cesta na mão, uma simplicidade desconcertante, coloridamente intrigante, diferente de tudo que ele já vira.

Ele gritou com o cocheiro para que parasse. *Quem seria aquela moça? Que vestido estranho, mas que encanto! O andar! Ela não tem noção do poder que possui!*

CONHEÇA A SINOPSE DOS DEMAIS LIVROS DA SÉRIE

A Ama Inglesa

*O segundo livro da série O Quarteto do
Norte*

Desde pequena, a menina Leonora se perguntava por que sua mãe sabia ler e escrever em dois idiomas e o pai sequer sabia ler em um deles. Instruída pela mãe francesa, a filha de um simples cuidador de cavalos muito cedo se vê sozinha no mundo, à mercê de uma tia autoritária e de um padrasto violador. Um encontro na infância provoca uma reviravolta em sua vida e ela

PERIGOSAS

vai trabalhar como ama da duquesa viúva de Pudhoe, uma dama autoritária, mas que a respeitava. Entretanto, quando lady Muriel Browne chega de Londres para passar uma temporada em *Pudhoe Castle*, no Norte da Inglaterra, tudo à sua volta muda. Leonora começa a ser destratada pela duquesa e até pelos outros servos, até então seu amigos.

Numa noite gelada em Newcastle, sem ter para onde ir, ela acaba se abrigando no celeiro, aconchegada à vaca da duquesa, para não morrer de frio. Ali ela é acordada brutalmente pelo capataz da propriedade e amparada por aquele cuja imagem permeara seus pensamentos durante cinco longos anos, o poderoso duque de Pudhoe, conhecido em toda a Europa por *Lorde Perverso*. Mas Leonora não o via assim. Pelo contrário. Achara-o caridoso. Afinal, se não fosse por ele, certamente não teria sobrevivido àquela noite.

NACIONAIS - ACHERON

Um cocheiro em Paris

O terceiro livro da série O Quarteto do Norte

Quando o duque de Belvoir teve que sair às pressas da casa de Juliette Drouet, a amante de Victor Hugo, para não ser pego em flagrante pelo próprio escritor, sua única alternativa foi dirigir a própria carruagem pelas vielas de Paris. O que ele não esperava, contudo, era que tivesse que socorrer uma dama que acabara de chegar à cidade. A carruagem do *Hôtel de Ville*, que fora buscá-la no porto, havia quebrado um eixo e ele passava no exato momento do acidente. Não teve alternativa senão esconder a sua identidade, pois a jovem estava acompanhada justamente da ordinária baronesa viúva de Patchetts, uma antiga vizinha do duque seu pai, no Norte

da Inglaterra. Tudo o que ele — o *duque inglês bastardo* — não podia, naquele momento, era ser reconhecido. Assim, apresentou-se como o cocheiro do conde Filippo Raspail e prestou socorro às damas.

Fruto da relação de um poderoso duque inglês, que não tivera filhos no casamento, com uma cortesã francesa, Belvoir — assumido pelo pai — vivia uma vida desregrada em Paris. Embora na juventude tivesse tido certa proteção moral por parte dos amigos, o duque de Prudhoe e o conde de Northumberland, sofrera muita rejeição da aristocracia britânica, sendo chamado de ‘lorde bastardo’. Por isso, tinha convicção absoluta de que nunca se casaria com a filha de nenhum deles. Belvoir só não contava que Harriet Neville, a lady que socorrera, se apaixonaria de verdade por ele, mesmo achando que fosse um humilde cocheiro.

Fronteira da paz

O quarto livro da série O Quarteto do Norte

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Manteve-se pura à espera de seu príncipe, o cavalheiro que ela sempre amara, lorde Robert Percy, o irmão mais novo do conde de Northumberland, Edward Percy. Quando, finalmente, já com 23 anos, está prestes a realizar o seu sonho e casar-se por amor, Robert se casa às pressas com sua antiga prometida, Charlotte Mortimer, uma prima por parte de mãe, e a abandona. Decidida a se vingar, lady Leanah se aproxima de Elizabeth Douglas, uma cortesã regenerada, e implora para que a ensine a deixar todos os homens aos seus pés.

PERIGOSAS

Quando o bom moço lorde Robert Percy, finalmente, recebera a aprovação do conde seu irmão, Edward Percy, para se casar com a linda lady Leanah, a irmã do conde de Douglas, da ancestral família inimiga dos Percy Northumberland, ele cai numa armadilha preparada por lorde Mortimer e tem, por honra, que se casar com sua prima Charlotte. Entretanto, jurou jamais tocar um só dedo nela. Afinal, como dissera o tio, ele já não a tinha deflorado? Cansado de ser o bom homem, o lorde se torna um dos maiores pervertidos da Europa e, para sair de Londres, a exemplo de seu pai, ele parte para a Índia. Quando na guerra de Folly de Auckland, ao lado de lorde Palmerston, ele entra em combate, a única pessoa que não esperava encontrar naquele lugar e, ainda por cima num bordel, era Leanah. O que, por Deus, ela estaria fazendo ali?!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Obrigada a se casar com o primo lorde Robert Percy, Charlotte Mortimer foge logo após o casamento. Seu próprio pai, por causa de dinheiro, conspirara para que aquela união acontecesse. Embarcada num navio com destino à América do Sul, com um nome falso, ela sofre um naufrágio fraudulento e é resgatada por um desconhecido. Sem se recordar quem é, apaixona-se pelo capitão do navio, um homem enigmático, com aparência celta, que a toma como mulher.

Um histórico romance sobre a vida das cortesãs inglesas e o império britânico e seus laços pelo mundo.

FUTUROS LANÇAMENTOS:

Quando os Céus Conspiram

Inspirado na história real de Charlotte Hayes (século XVII), uma linda cortesã de um bordel londrino conhecido como “convento”, *Quando os Céus Conspiram* narra as histórias de Amy Hayes e o conde Filippo Raspail.

A linda camponesa escapara de ser estuprada por lorde Patchetts para dois anos depois ser violentada pelo filho bêbado de um fazendeiro. Desonrada, ela se muda para Londres em busca de trabalho. Mas Amy era bonita demais para ser empregada de uma dama. Ninguém queria aquela ameaça em sua casa. Restara a ela, portanto, *A Casa das Damas*, um conhecido bordel londrino que mantinha carruagem e criados de libré

PERIGOSAS

para suas *damas* da noite que eram ensinadas a se portarem como educadas *ladies*. Quando o visconde de Beauchamp, um dos lordes mais terríveis de Londres, tornara seu *protetor*, Amy caíra em total desgraça. Obrigada a ir com ele para Paris, num esquema de traição à Coroa Britânica, ela é salva por um cavalheiro quando tentava se matar no rio Sena.

Filippo Raspail era um nobre que, como Amy Hayes, tivera um passado tremendamente infeliz. Tudo que ele queria era cumprir seus dias na terra para finalmente encontrar sua amada Juliet no outro lado do desconhecido. Morta há mais de 20 anos, ele se enterrava com ela, pois a amargura o consumia dia após dia. Quando os céus conspiraram a favor deles, Amy, que odiava todos os homens, tivera que aprender que nem todos eles eram bestas,

NACIONAIS - ACHERON

como ela os chamava, e Raspail que a vida podia não ser tão lúgubre assim.

Comprada por um Lorde

Como fazia todo verão, lorde Steve, o conde de Ponthieu, passava uma temporada no medieval castelo do amigo Roger de Montgomery: o *Arundel Castle*. O lorde gostava do condado de Arundel e simpatizava com as simples pessoas de Sussex. Até que vira lorde Patchetts tentar estuprar uma camponesa, a quem socorrera dando uns bons socos na cara do maldito barão. Depois desse triste acontecimento ficara uns bons anos sem aparecer em Arundel, pois não aceitava que Montgomery mantivesse amizade com tão vil cavalheiro. Mas depois que soube da morte do barão voltou a Sussex para descobrir que a moça de outrora tinha sido vendida pelo próprio

PERIGOSAS

pai para uma casa de prostituição. Foi até a casa do camponês e soube que o maldito homem estava prestes a negociar sua outra filha mais jovem, uma linda moça de 17 anos, e dar a ela o mesmo destino da filha cortesã. Foi quando ele resolveu comprá-la.

Encontre a autora

Chirlei Wandekoken é jornalista, coordena a área editorial da Pedrazul Editora, a qual foi idealizadora juntamente com seus sócios. É apaixonada pelos livros desde criança e, atualmente, a sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época e os históricos. Além de *A Estrangeira*, o primeiro livro da série independente *O Quarteto do Norte*, é dela também os demais livros da série: *A Ama Inglesa*, *Um Cocheiro em Paris* e *Fronteira da Paz*. A autora possui mais dois romances publicados, ambos contemporâneos, cujos enredos se passam no Brasil: *Por Trás da Escuridão* e *O Vento de Piedade*.

Facebook: Chirlei Wandekoken

Instagram: @chirleiw

e-mail: chirleischumacher@gmail.com

[1] Langland foi um escritor, cujos escritos tinham um olhar vívido e perspicaz sobre a sociedade medieval inglesa.

[2] O papel velino (do francês antigo Vélin, para "couro de vitelo") é uma pele de mamífero.

[3] ELIOT, George, *Middlemarch*.